

A CENA NORTISTA E OS NÚCLEOS FORMATIVOS DO PROJETO IURUPARI – GRUPO DE TEATRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ (UFOPA)

Jéssica de Miranda Matos, Unifesp¹

RESUMO

Esse trabalho aborda conexões, contradições e reflexões sobre a cena nortista brasileira a partir das experiências dos núcleos formativos de iniciação teatral do Projeto Iurupari – Grupo de Teatro, projeto de extensão e cultura desenvolvido desde 2015 na Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) Campus de Santarém/PA. O Iurupari promove a inserção da universidade no processo de desenvolvimento cultural dos participantes por meio de experiências com a arte teatral. E é através dos núcleos formativos de teatro: núcleo de crianças e adolescentes (10 a 15 anos) e núcleo de jovens e adultos (a partir de 15 anos) que a universidade convida a comunidade a adentrar os espaços acadêmicos. Devido à ausência do curso superior de artes cênicas e/ou teatro na universidade, investigo de que forma o projeto Iurupari contribui para as artes da cena na região do Oeste do Pará e questiono se a entrada de diferentes pessoas da periferia de Santarém/PA nos espaços da universidade incentiva uma reflexão social sobre o lugar que essas pessoas ocupam na sociedade.

PALAVRAS CHAVE

Teatro; Universidade; Periferia amazônica; Núcleos formativos

RESUMEN

Este trabajo aborda conexiones, contradicciones y reflexiones sobre la escena del norte brasileño a partir de las experiencias de los núcleos formativos de iniciación teatral del Proyecto Iurupari - Grupo de Teatro, extensión y proyecto de cultura desarrollado desde 2015 en la Universidad Federal do Oeste do Pará (Ufopa) Campus de Santarém/PA. El Iurupari promueve la inserción de la universidad en el proceso de desarrollo cultural de los participantes a través de experiencias con el arte teatral. Y es a través de los núcleos de educación teatral: núcleo infantil y adolescente (10 a 15 años) y núcleo joven y adulto (a partir de 15 años) que la universidad invita a la comunidad a entrar en los espacios académicos. Debido a la ausencia de un curso de educación superior en artes escénicas y/o teatro en la universidad, investigo de qué manera el proyecto

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Arte da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. E-mail: jessica.miranda@unifesp.br. ORCID: 0000-0002-8104-0500

Iurupari contribuye a las artes escénicas en la región del Oeste de Pará y me pregunto si la entrada de diferentes personas de la periferia de Santarém/PA en los espacios universitarios fomenta una reflexión social sobre el lugar que estas personas ocupan en la sociedad.

PALABRAS CLAVES

Teatro; Universidad; Periferia amazónica; Núcleos formativos.

Introdução

Mandei fazer uma casa de farinha

Bem maneirinha que o vento possa levar

Oi passa o Sol, oi passa a chuva, oi passa o vento

Só não passa o movimento do cirandeiro a rodar

Achei bom e bonito, meu amor cantar

Ciranda maneira

Vem cá Cirandeira, vem cá cirandar

(Cantos populares)

Essa ciranda é a materialização do *destrinchar* do trabalho sobre o Projeto Iurupari – grupo de teatro que compõe esse artigo. Falar de ciranda, é considerar a coletividade como processo poético das relações. É na ciranda que as mãos se encontram, os pés entram em harmonia e o coro ocupa o espaço. Nesse balanço de vozes e corpos, é preciso se olhar e olhar o outro que também integra o que vou denominar posteriormente de arte teatral. Pois, se a ação pode ser feita e assistida por alguém, é possível pensar que esse conjunto cria cenas.

Nesse sentido, mais do que composições, cirandas concebem encontros. É nessa realidade de encontros, sejam eles entre pessoas, espaços e diferenças socioculturais que o Projeto Iurupari acontece na cidade de Santarém/PA no interior da Amazônia brasileira, possibilitando a confluência de realidades ao receber crianças, adolescentes, jovens e adultos da periferia da cidade para experimentar teatro em núcleos formativos que acontecem dentro da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa).

O Iurupari – assim o chamo desde que o conheci – é um projeto de extensão e cultura da Ufopa Campus de Santarém e existe desde 2015 com a proposta de núcleos formativos de iniciação teatral: Núcleo de Crianças e Adolescentes entre 10 e 15 anos e

Núcleo de Jovens e Adultos a partir de 16 anos. Oferecido de forma gratuita, os cursos acontecem todos os anos, uma vez por semana, com duração de 10 (dez) meses nas dependências da Ufopa unidade Rondon da minha cidade natal, Santarém/PA.

No ano de 2016, quando entrei no núcleo de jovens do projeto, a minha busca era formativa. Durante alguns anos estive junto a companhias teatrais da cidade, grupos de teatro da escola/igreja e vinculada quase que instantaneamente no teatro amador da cidade. No entanto, apesar de inserida no universo artístico, percebi que a teoria teatral poderia me ajudar a entender o que eu chamava de “representação”, muitas perguntas me rodeavam ao fazer teatro e eu sentia que os caminhos pareciam ser os mesmos, algo entre decorar o texto e apresentar para alguém.

O projeto Iurupari parecia me oferecer *formação* no sentido mais acadêmico e teórico por se tratar de um espaço prestigiado de produção de conhecimento, mesmo sendo projeto e não um curso de graduação em Licenciatura em Teatro como existe na Universidade Federal do Pará (UFPA) em Belém/PA. No entanto, cabe destacar que em Santarém/PA aconteceu uma única vez a oferta do curso de graduação em Teatro entre 2011 e 2013 destinados para profissionais da educação do Oeste do Pará. Cedido pelo Instituto de Ciências das Artes (ICA) - Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará (UFPA), o curso de licenciatura plena em teatro foi destinado a professores, servidores e educadores da rede pública, que pretendiam utilizar as técnicas teatrais como ferramentas de ensino na sala de aula.

Em Santarém (PA), esse curso iniciou em 2011, com uma turma composta por 31 alunos e cinco ouvintes. A iniciativa faz parte do Plano Nacional de Formação de Professores do Ensino Básico (Parfor) e contou com o apoio da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa), onde as aulas ocorreram desde o início de janeiro desse mesmo ano na Ufopa Tapajós. Com três anos e meio de duração, o curso era gratuito e visava desenvolver competências profissionais para articular os conhecimentos técnicos específicos do teatro com objetivos educacionais, principalmente nos níveis fundamental e médio do sistema formal de ensino. ²

² Informação de matéria publicada no Ministério da Educação (MEC) através da plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/assuntos/noticias/professores-do-oeste-do-para-fazem-graduacao-em-teatro-pelo-parfor>.

Por se tratar de um curso de caráter excepcional e vinculado a UFPA de Belém/PA, não houve continuidade e nem proposta para a implementação desse curso para além do PARFOR e essa ausência causou buracos na formação fazedores de teatro em Santarém/PA e região. Nossas referências eram de artistas de fora que em um momento ou outro apareciam no cenário cultural da cidade ou de artistas que estiveram em outros lugares estudando e experienciando a pesquisa teatral.

Diante disso, como fazedora de teatro, adentrei o Iurupari em 2016 com uma sensação de estranhamento. Assim como a maioria das pessoas que se inscrevem no projeto, era a primeira vez que eu entraria no espaço – físico e simbólico – da universidade. Filha do encontro de dois rios – Tapajós e Amazonas que se encontram na frente da cidade, comecei a entender a importância e dimensão da Ufopa para a região.

A Ufopa foi criada pela Lei nº 12.085, de 5 de novembro de 2009. É a primeira instituição federal de ensino superior com sede num dos pontos mais estratégicos da Amazônia, no município de Santarém, a terceira maior cidade paraense, mundialmente conhecida por suas belezas naturais, com destaque para o encontro das águas dos rios Tapajós e Amazonas. A criação da Ufopa faz parte do programa de expansão das universidades federais e é fruto de um acordo de cooperação técnica firmado entre o Ministério da Educação (MEC) e a Universidade Federal do Pará (UFPA), no qual se prevê a ampliação do ensino superior na região amazônica.³

Nesse contexto, cabe destacar que dos mais de 7 mil alunos em formação, 90% deles são oriundos de escolas públicas e 77% são pretos, pardos e indígenas, mais de 700 indígenas e quilombolas ingressantes via Processo Seletivo Especial (PSE) e mais de 100 pessoas com deficiência⁴. Essa diversidade pode ser vista ao andar pela universidade, rostos e corpos que se assemelham nas suas diferenças. Depois do estranhamento, durante o curso, ao ir toda semana para o Ufopa, comecei aos poucos a me identificar com o lugar

³ Informações do site oficial da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) sobre histórico e localização: Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/ufopa/institucional/sobre-a-ufopa/historico-e-localizacao/>

Acesso em 29/04/2023

⁴ Dados retirados do vídeo institucional da Comunicação da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CMptGYJ4M78>

e as pessoas e foi o contato com o teatro que alinhou minhas descobertas sobre o “eu” e o “outro”.

Fazer teatro no Iurupari

Através do Projeto Iurupari – grupo de teatro aprendi que a arte é um jogo sem competição. Ela é tantas possibilidades quando a pensamos a partir de quem a faz (o jogador) envolvido num ato misterioso a ser revelado por quem o assiste, interpreta e compreende. A arte gera mais dúvidas que certezas, mais perguntas que respostas imediatas, e sua pedagogia deve ser orientada pelo incentivo, a curiosidade para ir ao encontro da pergunta que faz evoluir o processo de criação. (LOPES, 2017, p. 32).

Os principais procedimentos metodológicos utilizados no Iurupari são respaldados nos jogos teatrais e jogos dramáticos propostos por Ricardo Japiassu, Peter Slade e Ingrid Koudela, além das técnicas que envolvem uma especificidade de discussões e teorias em torno do fazer teatral, como as do “Teatro do Oprimido” de Augusto Boal, o “Teatro Pobre” de Gerzy Grotowisky e o “Ator Criador” de Constantin Stanislavski. Essas referências são adensadas a partir da experiência, trajetória e proposição do coordenador do Iurupari Leandro Pansonato Cazula.⁵

Essas referências me revelam que é através da experiência que a aprendizagem se torna mais efetiva. Para Koudela (2009, p. 30) quando experimentamos alguma coisa, agimos sobre ela e depois sofremos as consequências. É a conexão entre essas duas fases da experiência que dá a medida do seu sucesso ou valor. Refleti e entendi que a abordagem do Projeto Iurupari dizia respeito não só as leituras sobre teatro durante os encontros, para uma melhor assimilação das teorias teatrais mencionadas, mas que as oficinas formativas eram imprescindíveis pois é quando a teoria e a prática se encontram no fazer. Essas atividades proporcionadas através dos jogos teatrais e dramáticos, nos encontros, permitiram uma interação e integração dos participantes, além de possibilitar,

⁵ Professor do Magistério Superior no Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). Coordenador do Projeto Iurupari - Grupo de Teatro, Projeto de Extensão e Cultura na Ufopa de Santarém. Foi Coordenador/Orientador do Projeto Identidade - Grupo de Teatro, Projeto de Extensão Universitária na UFMS / CPTL de 2005 a 2014 atuou como diretor, iluminador, sonoplasta, professor e fazedor de teatro. Exerceu a função de Assessor Especial de Cultura e Coordenador da Escola Municipal de Teatro da Prefeitura de Três Lagoas/MS de 2010 a 2014. Tem experiência na área de Geografia humana, mas também com atuação relevante aos temas: Cultura, Teatro, Arte, Direção e Interpretação Teatral.

através das técnicas de teatro, as potencialidades corporais e vocais ao identificar possibilidades, dificuldades e limites.



Imagem 01: Foto do Núcleo de Jovens e Adultos - 2018

Fonte: Acervo do Projeto Iurupari – grupo de teatro

É fantástico pensar na arte teatral como ponte para descobertas sobre si. A proposta do Projeto perpassava por esse processo através das suas premissas. Todo ano é desenvolvido a mesma planejamento e estrutura nos núcleos formativos. No primeiro semestre ocorre a etapa da construção do “ator-criador”, que consiste em tornar possível o reconhecimento do indivíduo como atuante no palco e no cotidiano, ao instigar processos criativos a partir do “se ver” no palco e fora dele.

Esse primeiro momento propicia percepções individuais, a consciência corporal e vocal através do contato com os demais integrantes do grupo e por consequência com a vida cotidiana o que tende a favorecer a experimentação teatral. No segundo semestre de cada ano ocorre a continuação do processo formativo, mediante uma proposta de elaboração de uma peça teatral, a ser apresentada pelo núcleo formativo, etapa que contribui para a experiência artística e cultural que o Projeto Iurupari tenciona, oferecida a comunidade em geral.

O objetivo do núcleo formativo não é formar atores, mas de possibilitar a experimentação desse olhar aguçado sobre si e tudo que me travessa quanto indivíduo e quanto fazedor de teatro, não só no palco, mas na busca do autoconhecimento dos próprios lugares que ocupamos nas ramificações da sociedade. É possível ver essa análise no relato do integrante Amaury Caldeira de Lima Gonçalves (26 anos):

“Eu entrei no Iurupari em 2015, estava fazendo preparatório para prestar Enem [...] Conhecer o Iurupari e adentrar a Universidade foi conhecer um universo que eu achava que não podia acessar. Como uma pessoa que vem de uma cidade pequena, dentro da comunidade no rio Paru – Rio Amazonas, me aproximar da universidade pública através do projeto foi a principal mudança que teve em mim naquele momento. [...] A pessoa que eu sou hoje ela vem muito do meu conhecimento de teatro e das pessoas e teóricos que eu conheci através do teatro porque foram através delas, das atividades dentro do teatro que eu conheci e me aproximei do movimento negro. Hoje eu sou ativista e também estou à frente de alguns coletivos. São duas pessoas completamente diferentes. o Amaury antes de conhecer o projeto e estudar teatro e um Amaury depois.”



Imagem 02: Foto do integrante Amaury Caldeira do Núcleo Jovem e Adulto em 2015 e 2016
Fonte: Acervo do Projeto Iurupari – grupo de teatro

Desde a entrada até a permanência dos integrantes ao decorrer dos anos, voltando aos núcleos formativos e se envolvendo com o projeto é notório as mudanças de percepção de si e os diálogos sobre perspectivas sobre mundo que nos cerca. O ponto mais relevante para o trabalho que o Iurupari desenvolve é propiciar aos dispostos ao jogo teatral, a assimilação da cena cotidiana sob outros olhares e percepções e que eles *vejam* nesse processo. A integrante Maria Conceição Gomes dos Santos (36 anos) também fez uma reflexão das suas inquietações:

“Quando eu entrei no Iurupari foi muito desafiador. Tudo na minha vida eu sempre senti muito medo. Tanto que eu não fui no primeiro dia por que eu tive vergonha [...] O Iurupari é muito importante porque ele abre espaço pra comunidade geral participar. Não importa se você é da

universidade ou não. da onde você é e quem você é. Ele abraça todas as pessoas que se interessam em participar do teatro. [...] O Iurupari marca pra mim uma das partes mais importantes que eu determino na minha história do teatro. Onde marca uma virada de conhecimento teatral tanto teórica quanto prática de vivências e experiências que só somaram na minha vida tanto enquanto artista, tanto como pessoa. [...] Mesmo eu já tenho de uma experiência de teatro desde 2001 o Iurupari foi muito forte pra mim... os textos, as reflexões, o que nos fazia pensar e como tomamos o caminho para o processo de construção artística”



Imagem 03: Foto da integrante Maria Conceição do Núcleo Jovem e Adulto em 2015 e 2016
Fonte: Acervo do Projeto Iurupari – grupo de teatro

Também compartilho de mudanças e concepções parecidas relacionadas à minha experiência nos núcleos formativos. Conhecer a universidade pela brecha do teatro foi um alento. Esse atravessamento suscitou na minha entrada como aluna da Ufopa no ano de 2017. Comecei a cursar o Bacharelado em Antropologia simultaneamente envolvida com o Projeto Iurupari nas suas outras camadas como a Contação de estórias, teatro de rua, apresentações de intervenções e esquetes teatrais etc. que me possibilitaram contemplar a bolsa institucional de extensão – programa vinculado à Procce (Pró-reitoria de Comunidade, Cultura e Extensão) da Ufopa que ajudava o projeto a se manter integralmente – o que me manteve monitora bolsista do Núcleo Formativo de jovens e adultos do projeto de 2018 a 2021.

A minha relação com o Iurupari na função de monitora, atriz, diretora e mediadora durou até o final da minha graduação em 2022. Finalizei esse ciclo de experiências e

interlocuções por meio do meu Trabalho de Conclusão de Curso que dialogava com o teatro e a antropologia. A pesquisa foi sobre o processo cênico que dirigi no núcleo formativo de 2019 e que estreou como espetáculo “Onde o sol nasce em Fagulhas” com dramaturgia e elenco amazônida.



Imagem 04: Espetáculo Teatral “Onde o sol nasce em fagulhas”
Fonte: Acervo do Projeto Iurupari – grupo de teatro (2019)

Durante minha trajetória e investigação junto ao grupo, detalho alguns dados importantes sobre o trabalho que o Projeto Iurupari desenvolve na cidade. Em média, por ano, 90 (noventa) pessoas se inscrevem nos núcleos formativos – Núcleo de crianças e adolescentes e Núcleo de jovens e Adultos -, entre elas universitários da Ufopa e de outras IES, estudantes de ensino fundamental e médio das escolas de Santarém além de pessoas da comunidade externa – em geral. De 2015 à 2022 passaram pelos núcleos formativos do Projeto Iurupari 694 (seiscentos e noventa e quatro) pessoas.⁶

Para muitos dos integrantes, o Projeto Iurupari é o primeiro contato pessoal com o teatro. Esse movimento de ser atravessado pela experiência cênica que começa nos jogos teatrais e finaliza no processo cênico com a estreia do espetáculo é um desafio e uma preciosidade. O trabalho é bem agraciado pela comunidade local e o encontro com

⁶ Dados dos relatórios institucionais do Projeto Iurupari – grupo de teatro da Ufopa (2015 à 2022)
Disponível em: <http://iurupari.blogspot.com/p/relatorios.html>

o público externo gera curiosidade e interesse pelo teatro, o que resulta na visibilidade do Iurupari quanto um espaço de formação e produção teatral na região.



Imagem 05: Foto da Estreia do Espetáculo teatral “CANÔNES MORTOS” na Semana Cultural Santarém Cena – 3ª Representação / Fonte: Acervo do Projeto Iurupari – grupo de teatro

Os espetáculos produzidos são geralmente estreados no festival de Teatro em Santarém/PA idealizado pelo Projeto Iurupari “Semana Cultural – SANTARÉM CENA” que acontece no final de cada ano e tem como propósito mostrar ao público presente algumas ações que vem sendo desempenhadas nas atividades anuais do grupo. Além de promover o intercâmbio entre grupos teatrais de Santarém/PA e de outros grupos representativos de demais estados e regiões do país.

Arte teatral no Iurupari: O olhar para si e suas reverberações

O fazer teatral no Iurupari consiste na junção de teoria e prática juntamente com a experiência peculiar de cada integrante dentro desse processo entendendo suas limitações e permissões. Vivenciar teatro permite um universo de possibilidades e é o receptor que atua efetivamente para tentar, explorar, rejeitar, falhar, criar, enfim, experienciar tais caminhos artísticos. O resultado disso é descrito pelos próprios integrantes:

“O teatro me proporcionou uma percepção mais crítica da sociedade, pois sempre estamos usando máscaras ‘lá fora’, fingindo constantemente ser algo inimaginário, assim acabamos nos tornando pessoas egoístas, e no palco podemos tudo, menos mentir. Portanto, a liberdade que tenho comigo atualmente, reflete muito minha

experiência no Iurupari. A experiência de meses no núcleo me trouxe uma nova versão de mim, que talvez já estivesse no meu inconsciente, mas foi na experiência de ter um contato com um grupo de pessoas durante os sábados que me fez ser mais empático [...]” Caio, 17 anos.

“O teatro faz transcender em mim a minha capacidade de me concentrar no meu próprio ser, me etender nas limitações e anseios e me conectar com a minha própria essência. A experiência no núcleo trouxe além de vários e bons amigos, a possibilidade de poder ter um foco na minha parte sensorial, aguçar e manter em uso de forma eficaz e agradável, além de ter noção do potencial vocal que tenho, que mesmo que não seja ‘bonito’, tem potência, o que de qualquer forma é uma surpresa, uma descoberta positiva. Além de construir ideias de extrema importância para continuar meu caminho no dia a dia.” Murilo, 20 anos.

O processo de percepção sobre o “eu” e sobre o “eu” no mundo são consequências das experiências que antecedem o palco. O teatro acaba sendo um ponto de encontro dessas vivências, de outras perspectivas, de emoções, de situações, de interação e do criar o novo ou perceber o extraordinário naquilo que já existe no cotidiano.

Essas aproximações do cotidiano e palco fazem parte de um processo de relações que podem ser percebidas nas nossas próprias vivências. Augusto Boal e Viola Spolin, afirmam que o teatro pode fazer parte da vida de qualquer pessoa. Spolin discorre que toda pessoa é capaz de atuar e, para isso, deve exercer sua liberdade através do jogo, como forma de autoconhecimento e afirmação da identidade pessoal (SPOLIN, 2010 p. 7). Para a autora o fazer teatral seria um espaço de autoconhecimento, de aguçar a percepção do mundo que nos cerca e de exercício da liberdade e da sensibilização, pois “antes de jogar, devemos estar livres. É necessário ser parte do mundo que nos circunda e torná-lo real tocando, vendo, sentindo o seu sabor, e o seu aroma – o que procuramos é o contato direto com o ambiente” (SPOLIN, 2010 p. 7). O mundo deve ser “investigado, questionado, aceito ou rejeitado. A liberdade pessoal para fazer isso leva-nos a experimentar e adquirir autoconsciência (auto identidade) e auto expressão” (SPOLIN, 2010 p. 7).

É justamente nesse *experenciar* que os núcleos formativos se apoiam. A técnica do teatro – teoria e método – mesmo que introdutórias, aguçam percepções sobre si e sobre o outro, sobre o individual e o coletivo e, ainda, sobre a produção de novos mundos através das possibilidades de vê-lo dentro e fora do palco. Esse contato, *eu-outro* na interação ou, mais propriamente, nos jogos teatrais, promovem uma rede de trocas *sensacionais*, impreterivelmente nas sensações, na confiança em si e no outro, na exploração de potencias vocais e corporais e na identificação das dificuldades e dos limites de cada um.

Augusto Boal denomina esse processo de “se ver”. Para o autor, o fazer teatral seria também ferramenta vital para o autoconhecimento e reflexividade, pois para ele o “teatro nasce quando o ser humano descobre que pode observar-se a si mesmo: ver-se em ação”, ou seja, o ser humano “descobre que pode ver-se no ato de ver-se em situação” (BOAL, 2002, p 27). Deste modo, para Boal, pela mediação da atividade teatral, o homem experimenta uma espécie de triangulação, a partir da qual:

[...] ao ver-se percebe o que é, descobre o que não é, imagina o que pode vir a ser. Percebe onde está, descobre onde não está e imagina onde pode ir. Cria-se uma tríade: EU observador, EU em situação, e o Não-EU, isto é, o OUTRO. [...] Essa é a essência do teatro: o ser humano se auto observa. (BOAL, 2002, p. 27).

Esse olhar para a arte teatral amplia nossas possibilidades sobre o mundo para além das que absorvemos pelos meios de comunicação e pelas instituições sociais como escola, família, igreja e trabalho. Esse movimento não tem carácter exclusivo, pelo contrário, as visões sobre si e sobre o mundo a partir das nossas relações com aquilo que já está posto coexistem com o nosso papel criativo e propulsor no campo da arte. Ou seja, o teatro, substancialmente através dos jogos teatrais e dramáticos, permite criar o novo com o conhecido, que possibilita novas perspectivas sobre o que existe.

Peter Slade (1978), que pesquisou durante grande parte de sua vida o jogo realizado por crianças e jovens em escolas ou fora delas, afirma que o jogo dramático é uma parte vital da experiência do jovem e também “uma maneira de pensar, comprovar, relaxar, trabalhar, ousar, experimentar, criar e absorver” (SLADE, 1978, p. 13). O jogo dramático, base do teatro, é uma linguagem de corpo e voz que articulamos na infância, mas que posteriormente esquecemos, matamos, ou que usamos timidamente quando é preciso contar um fato que o discurso oral, branco e a frio, não comunica inteiramente. (LOPES, 1989, p. 113).

A retomada dessa criança que está adormecida dentro de nós é fundamental, pois segundo Rubens Correa (1984 apud GRUPO TEMPO – TEXTOS, 2019) a criança é uma fonte incrível de informação artística – e a criança que nós fomos recuperada através do nosso lado lúdico tão atrofiado pelo correr dos anos – pode nos servir de guia, mas um guia muito especial, que caminha alegre e despreocupado, que sabe descobrir o mágico dentro do cotidiano, intuitivamente.

No sentido de formação, os núcleos formativos objetivam uma relação de proximidade com a busca dessa criança interior e mais, com as contribuições que o teatro oferece aos processos educativos do indivíduo, tanto do ponto de vista formativo como da perspectiva da fruição. E formação refere-se também a educação pois, segundo a educadora Joana Lopes (1989): “[...] o potencial educador e transformador do teatro reside em sua capacidade de despertar a criatividade e a imaginação dos indivíduos”. Para a autora, o teatro que comporta significados educacionais, dirigidos para uma prática transformadora, não deve se distanciar da verdade que é ser o teatro um produto da nossa imaginação poética. Ele é jogo dramático que abre uma perspectiva de educação para quem faz e o assiste (LOPES, 1989 p. 23). Sua utilidade estende-se para além da análise e compreensão do mundo, visto que:

[...] por ele [o teatro] flagramos a realidade e podemos chegar a compreender que ele é um universo tão versátil quanto nós, atuantes de uma história que se desenvolve lentamente em todos os níveis de demonstração da vida humana. Nele vemos o universo reinventado com uma nova carga de emoção. Comediantes e espectadores recriam as relações humanas reinventado a si mesmo. (LOPES, 1989, p. 138).

Esse, em suma, é o ponto chave: perceber o mundo e a si mesmo no mundo é questioná-lo de alguma forma. E ao questioná-lo, enriqueço interpretações sobre a realidade. Nessa lógica, receber jovens e adultos, crianças e adolescentes no projeto é convidá-los a experienciar o mundo com novos olhares e disposições através do fazer teatral.

Considerações Finais

Os núcleos formativos desenvolvidos anualmente pelo Projeto Iurupari – grupo de trabalho desde o seu primeiro ano de desenvolvimento, promove a inserção da universidade no processo de desenvolvimento cultural dos participantes através da elaboração de oficinas e jogos teatrais e com proposições cênicas enquanto exercícios de representação. A cena nortista na região do Oeste do Pará, mais especificamente na cidade de Santarém, resiste com atividades formativas propiciadas esporadicamente, mas com a proposta supracitada de continuidade das atividades de extensão do Iurupari com teor formativo proposto junto à comunidade local.

Desenvolver a continuidade da formação de um grupo de teatro dentro da universidade que conta com a participação de acadêmicos e pessoas da comunidade é bastante significativo do ponto de vista artístico e cultural. Santarém tão rica em

diversidade étnica- cultural, ainda é uma cidade que não valoriza a arte em suas várias dimensões: do artesanato, música, manifestação popular às artes da cena como dança, teatro e circo.

Abrir a porta da universidade para a comunidade externa à Ufopa é uma tentativa de firmar um vínculo entre a universidade e o meio em que se encontra, mesmo que nos limites da extensão universitária. A ciranda que o projeto propõe aos participantes depende da vivência prática do teatro como uma linguagem fundamentada no canal de expressão artística e de comunicação. O canto da ciranda, o canto dos fazedores de teatro do Iurupari surge num vínculo com a universidade através da extensão e cultura. E é assim que o projeto se mostra enquanto fomentador da arte em Santarém e se apresenta na cena nortista brasileira.

BIBLIOGRAFIA CITADA

BOAL, Augusto. **O arco-íris do desejo**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 1996.

_____. **Jogos para atores e não-atores**. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000.

KOUDELA, Ingrid Dormiem. **Jogos teatrais**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

GRUPO TEMPO – TEXTOS. **Recado aos jovens da CAL** – Rubens Corrêa. Disponível em: <http://www.grupotempo.com.br/tex_rubens.html>. Acesso em: 12 jun. 2019.

LOPES, Joana. **Pega Teatro**. 1.ed. São Paulo: Papyrus, 1989.

_____, Joana. **Pega Teatro**. 3 ed. São Paulo: Urutau, 2017.

SLADE, Peter. **O jogo dramático infantil**. 3. ed. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o Teatro**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.